

## Separa o reunido e o reúne como separado

Ana Carolina G. Leite e Daniel Manzione

A ação e a transformação dos materiais para pôr em prática idéias que representem formas visíveis ou, ainda, realizem formas imaginárias, identifica a atividade naquele campo da vida social entendido como próprio da produção artística, ou simplesmente da *arte*, no sentido que lhe damos hoje. E não apenas a atividade artística é de um campo separado, uma vez que também seus produtos são reconhecidos socialmente por sua qualidade particular de serem *obras de arte*. Acontece que, de acordo com a forma social da separação da sociedade em diferentes campos de realização e de significação, a arte e seus produtos assumem o papel de depositários de toda representação estética da sociedade. Isso quer dizer que a política não é do mesmo campo que a estética, assim como nem o trabalho, nem a religião o são: só a arte tem a estética como atributo próprio. Nessas circunstâncias, a estética das coisas leva a uma existência própria, abstrata e fantasmagórica, fora dessas mesmas coisas e que confere a elas seu caráter de pura exposição. Os processos sociais concretos e as intenções que criam os conteúdos dos trabalhos artísticos somente podem se realizar como imagens de si próprios. Ao invés da arte se tematizar como produto de um sistema de separações, ela estetiza sua própria separação da totalidade social.

\*

No entanto, se o trabalho não é estética, a produção da estética realiza-se como trabalho, sendo essa mais uma das relações que esta exposição busca investigar. Ainda que os produtos estéticos sejam reconhecidos por sua posição especial de “obras de arte”, os mesmos não deixam de ser a coagulação do dispêndio de músculos, nervos e cérebro, comum aos demais trabalhos que participam da sociedade, sendo comparáveis aos produtos do trabalho do padeiro, do professor, do agricultor e do lavador de carros, considerados em seu caráter de dispêndio *abstrato*. Da mesma forma que um marceneiro não sobrevive apenas consumindo as mesas que fabrica, o artista não vive só da arte que produz e cultua (ninguém come arte). Mas, por outro lado, é a troca desta – seja com galeristas ou com editais de financiamento estatal - que lhe garante dinheiro, o meio pelo qual ele pode acessar as outras mercadorias produzidas na sociedade. Isso significa que as atividades aparentemente autônomas têm de estar entrelaçadas pela troca, de modo a manter seus produtores privados no contexto de dependência – uns das coisas produzidas pelos outros – em que se encontram imersos. Esse entrelaçamento é a própria divisão social do trabalho.

\*

Nesse contexto, a reconciliação da arte com a vida, que repousa em sua participação nesse entrelaçamento, não pode se estabelecer senão por meio da *forma-mercadoria*: a forma social abstrata que seus produtos têm de assumir. A auto-condição que os trabalhos dessa exposição investigam não se limita, portanto, ao estudo dos processos produtivos artísticos concretos, que na sua aparência de autonomia com relação aos outros trabalhos da sociedade são conduzidos por regras próprias e leis internas, mas avança na reflexão de que essas regras próprias relacionam-se – se não se subordinam – a regras gerais de toda a produção na sociedade, as regras da produção de mercadorias.

\*

Dessa perspectiva, o artista é um trabalhador. Matéria exaustivamente reivindicada pelas vanguardas do século XX, fosse para legitimar a posição de classe que, desse ponto de vista, passava a ser ocupada pelos artistas, a qual lhes conferia acesso às fileiras da revolução proletária, fosse para reconhecer que, como trabalhadores, estavam também inseridos numa teia social de exploração que os dominava. Que o trabalho encontra-se submetido a uma forma social de dominação, essa exposição também pode revelar. Ainda assim, apresenta um caminho alternativo ao tradicional exame da esquerda: aponta que o trabalho é *a própria* forma social da dominação. Os fragmentos de metáforas da luta de classes aqui encontrados, comumente interpretados como representações da exploração e da alienação dos trabalhadores, distinguem-se como partes de um todo, como metonímias do processo contraditório de acumulação do capital. Isso quer dizer que também os trabalhadores, como partes de uma totalidade que é a reprodução capitalista, personificam eles próprios uma identidade abstrata definida pela produção de mercadorias. Se a produção de mercadorias – leia-se aqui, o trabalho que produz mercadorias ou, simplesmente, o *trabalho abstrato* – encontra-se determinada pela acumulação do capital, então não se salvam nem artistas, nem quaisquer outros trabalhadores, restando como constatação que, embora separados, os campos aparentemente autônomos de uma sociedade totalmente dominada podem somente naufragar em conjunto.